

Desejos e palpites

A econometria é o instrumento que permite aos economistas, baseando-se em modelos criados a partir de séries estatísticas, projetar os grandes números da economia no futuro.

Como a economia é dinâmica, os modelos de projeções econométricas dependem de uma série de condicionantes. Por isso, usam-se pelo menos três cenários distintos. E o economista, em geral, escolhe o que considera mais provável para mostrar a seus clientes.

É nessa escolha que a percepção ou a intuição do economista acabam pesando mais do que os fatores técnicos. Entram em cena paixões políticas e convicções ideológicas, ou até mesmo a maneira de encarar a vida — com otimismo ou pessimismo. Assim, aos estudos técnicos adiciona-se uma dose de "chutômetro" ou "palpitômetro" nas previsões que economistas costumam fazer ao fim ou início de cada ano. O que talvez explique a freqüente distância entre esses números e a realidade.

Nenhum economista conseguiu prever que a inflação seria tão baixa em 1997. Os otimistas trabalharam no início do ano com uma projeção de 6%; a maioria preferiu prever 8%. Todos erraram. Os índices de preços estão convergindo para 4%, e só não ficaram abaixo disso porque o setor público ajudou muito a empurrá-los para cima. Anulando-se os aumentos concedidos aos

preços e tarifas de serviços públicos, a inflação ficaria ao redor de 1,5%. A cesta básica teve variação inferior a 1%.

As estimativas de déficit na balança comercial também falharam por larga margem. Os otimistas crônicos, fiéis à política do presidente do Banco Central, não esperavam menos de US\$ 10 bilhões. Entre os consultores, os números iam de US\$ 11 bilhões a US\$ 12 bilhões. Mas não foram poucos os pessimistas jurando de pés juntos que o Brasil teria um déficit cavalar, entre US\$ 14 bilhões e US\$ 16 bilhões.

De novo, erraram todos. A balança comercial fechará 1997 com um déficit inferior a US\$ 9 bilhões.

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) foi outro indicador econômico que ninguém acertou. O pessimismo reinou no início do ano, com projeções de uma expansão tímida para o PIB em 97. Com o passar dos meses, os economistas tiveram de ajustar os cálculos, e quem antes falava em menos de 3% de crescimento econômico passou a projetar mais de 4%. As mais recentes estatísticas apontam para um aumento do PIB entre 3,6% e 3,8%.

A previsão mais furada se refere ao futuro imediato. Houve quase unanimidade entre os economistas sobre um fim de ano desastroso para o comércio. Já no começo de dezembro as vendas começaram a superar todas essas expectativas pessimistas.

Entram em
cena paixões
políticas e
convicções
ideológicas